

# A evangelização como definidora da identidade da Igreja: deixar-se ser evangelizada para evangelizar

The Evangelization as definition of the identity of the Church: leave be evangelized to evangelize

*Alzira Munhoz\**

*Marcel Alcleante Alexandre de Sousa\*\**

**Resumo:** A abordagem deste trabalho monográfico versa sobre o tema da evangelização. A imagem de Deus no panorama científico, político e econômico não é a mesma em comparação aos primórdios da fé. Houve um tempo que Deus era resposta para situações inexplicáveis. Tudo passava pelo viés da fé; mas, no mundo secularizado, a fé não tem tanta importância. Assim, o que a *Evangelii Nuntiandi* e também a *Evangelii Gaudium* tem a contribuir no âmbito da evangelização, não descartando a realidade em que a Igreja se encontra? O objetivo é compreender, a partir desses documentos a ação evangelizadora da Igreja. A metodologia utilizada nesta pesquisa é bibliográfica, efetivada por uma hermenêutica teológica. Constitui-se de três capítulos. O primeiro faz uma retomada ao fundamento missionário do Concílio Vaticano II. O segundo aborda aspectos da história da Igreja, tanto na fase primitiva como no

---

\* Doutora em Teologia (FAJE). Professora do Instituto Santo Tomás de Aquino. Orientadora da pesquisa.

\*\* Graduado em Filosofia (UEPB). Graduado em Teologia (ISTA). marcelalcleante@yahoo.com.br.

período da cristandade; o terceiro discute a identidade da Igreja a partir da *Evangelii Nuntiandi* e da *Evangelii Gaudium*. Concluímos nosso trabalho evidenciando que a identidade da Igreja é evangelizar. Ela só é Igreja se for para evangelizar.

**Palavras-chave:** Evangelização; Igreja; *Evangelii Nuntiandi*; *Evangelii Gaudium*.

**Abstract:** The approach of this monographic work traverses about the theme of evangelization. The image of God on the scientific, politic and economic panorama it not the same comparing to the beginnings of faith. There was a time that God was response to unexplained situations. All passed through the bias of faith, but in the secularized world, the faith has no importance. However, what *Evangelii Nuntiandi* and *Evangelii Gaudium* have to contribute in the framework of evangelization, not discarding the reality that the Church it finds? The objective is to understand, from these documents evangelization action of the Church. The methodology used in this research is bibliographic effective for a hermeneutics theological. It is constituted by three chapters. The first makes a return to the missionary foundation of the Vatican Council II. The second approaches aspects about the history of the Church, both in the early phase and the period of Christianity; and the third discusses the identity of the Church from the *Evangelii Nuntiandi* and *Evangelii Gaudium*. We conclude our work showing that the identity of the Church is to evangelize. It becomes Church if it evangelizes.

**Keywords:** Evangelization. Church. *Evangelii Nuntiandi*. *Evangelii Gaudium*.

## Introdução

O trabalho pretende apresentar a evangelização como identidade da comunidade eclesial. Ao olhar para as Sagradas Escrituras entramos na dinâmica do deixar-se ser evangelizado para evangelizar. Esta premissa quer valorizar a seguinte hipótese: a identidade da Igreja é evangelizar.

A Igreja é evangelizadora. Cristãos e não-cristãos esperam ouvir palavras que os façam viver melhor. Para que essa palavra seja anunciada é necessário o diálogo com os interlocutores da evangelização, além da compreensão da sociedade, da cultura e de suas crenças. Essa metodologia tomada pelo Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* quer deixar claro que a identidade da comunidade eclesial está intimamente relacionada à sua missão evangelizadora.

A evangelização precisa acontecer de maneira profunda e não de modo superficial. A metodologia que o Papa Paulo VI desenvolve na *Evangelii Nutiandi* perpassa a via do testemunho: uma vez evangelizado, aquele que recebeu a palavra passa a evangelizar. Esse processo acontece de diferentes modos. Uma maneira é manifestada concretamente de modo visível na comunidade eclesial (cf. EN, 23).

Apoia-se em uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e efetivada por uma rigorosa hermenêutica teológica. A problemática gira em torno do Evangelho de Marcos 16, 16; dos textos pontifícios de Paulo VI, especificamente a *Evangelii Nuntiandi* e da exortação do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*. Norteamos o nosso trabalho a partir da seguinte pergunta: qual é a identidade da Igreja a partir da *Evangelii Nuntiandi*?

O primeiro capítulo é dedicado à missão a partir dos documentos *Gaudium et Spes*, *Lumem Gentium* e *Ad Gentes*. É apresentada uma exposição do modo como a Igreja abordou a missão e também das implicações do Sínodo de 1974.

No segundo capítulo é abordada um pouco da história dos primeiros cristãos e traçada uma memória dos principais fundamentos da fé cristã. Aqui se traz à tona a trajetória do termo *missão* a partir das primeiras comunidades e da Igreja na cristandade.

Falaremos, no terceiro capítulo, sobre o tema da evangelização. Neste espaço traremos como base a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI. Apresentaremos ainda a contribuição de outros autores na reflexão sobre a evangelização. Aqui podemos

falar da evangelização como identidade da comunidade eclesial, pois é fomentada essa ideia. Também neste capítulo traçamos aproximações com a *Evangelii Gaudium*.

A evangelização precisa acontecer de maneira profunda e não de modo superficial. A metodologia que o Papa Paulo VI desenvolve na *Evangelii Nuntiandi* perpassa a via do testemunho: uma vez evangelizado, aquele que recebeu a palavra passa a evangelizar. Esse processo acontece de diferentes modos. Uma maneira é manifestada concretamente de modo visível na comunidade eclesial (cf. EN, 23).

## 1. Os horizontes da missão na perspectiva do Concílio Vaticano II

Neste capítulo objetivamos falar da Missão a partir dos textos conciliares: a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e o Decreto *Ad Gentes*. A missão, nestes textos, é apresentada como o anúncio do Reino de Deus. Diz-se que a Igreja anuncia o Reino de Deus e também o espera. Cristo é o fundamento da Igreja e de sua missão.

Aqui é pertinente nos perguntarmos, primeiramente, como o Concílio Vaticano II abordou a missão da Igreja. Tratamos sobre os fundamentos da missão em duas partes. Na primeira ressaltamos alguns textos bíblicos que falam sobre a atividade evangelizadora das primeiras comunidades cristãs. A obra lucana apresenta o programa de Jesus no Evangelho e o programa dos apóstolos nos Atos dos Apóstolos. Nessa obra o Espírito acompanha a missão de Jesus, dos apóstolos e da Igreja.

Na segunda parte nos debruçamos sobre alguns textos da *Gaudium et Spes*, da *Lumen Gentium* e do decreto *Ad Gentes*. Procuramos destacar alguns passos que esses textos nos oferecem quando tratamos da Igreja e de sua missão. Entre linhas, citamos a obra de Jon Sobrino, *Jesus, o libertador*, com a finalidade de fazer ressalvas do fundamento da Igreja.

Na terceira parte falamos do Sínodo de 1974. A análise será feita por meio da obra *A evangelização no mundo de hoje*, de Marcelo Carvalheira e coautores, que apresenta uma lúcida crítica à atitude evangelizadora da Igreja. Além disso, discute passos significativos para o enriquecimento da promoção da Palavra.

### 1.1 Bases bíblicas da missão

A Igreja, conforme os ensinamentos do magistério eclesiástico, está fundamentada em Jesus Cristo. Os apóstolos testemunharam a experiência vivida com Jesus de Nazaré. Jesus Cristo, o Filho de Deus glorioso, conferindo o mandato aos discípulos “ide por todo o mundo o mundo e proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15), o que torna a missão da Igreja a mesma que fora a dos discípulos. Proclamar o Evangelho é o campo de atuação da comunidade que segue a Cristo.

Em Mt 28,19-20 o Messias aparece aos onze discípulos e discípulas dando-lhes uma missão: ir e fazer; batizar e ensinar. Jesus realiza suas obras em nome do Pai. Foi-lhe dado esse poder. Jesus tem autoridade em nome do Pai. Esse mesmo poder é dado a seus discípulos e discípulas, que levarão o evangelho a todas as nações.

Ainda na mesma linha de raciocínio fazemos menção à obra de Lucas, especificamente sobre o programa evangelizador de Jesus no Evangelho de Lucas e o programa dos Apóstolos em Atos dos Apóstolos. Em Lc 4,14-21 é apresentado o programa de Jesus. A Palavra é dirigida aos judeus; mas devido a não acolhida ela prossegue, destinando-se aos pagãos. Lc recupera dos vv. 18-19 da profecia de Isaías: “o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Essa menção lembra que Jesus está

cheio do Espírito. Ele é o ungido de Deus. A primeira ação de Jesus é o anúncio do Reino Deus.

Nos Atos dos Apóstolos, o programa dos apóstolos é fazer o que Jesus fez. Em At 1,8 é assim relatado: “mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”. O testemunho não é limitado a um tempo, lugar ou nação. A Palavra é para todos. A característica de quem acolhe e testemunha é a ruptura com o mundo judaico. O Espírito Santo é quem confirma o testemunho de quem segue Jesus.

Esses destaques bíblicos evidenciam que é a partir disso que a Igreja busca realizar a presença atuante de Jesus. A Igreja tem sua base em Jesus Cristo. Neste sentido, o Concílio Vaticano II mexeu com a ação da Igreja despertando-a e sacudindo-a para a sua função no mundo. Dois documentos podem nos iluminar acerca da missão da Igreja no mundo contemporâneo: o Decreto *Ad Gentes* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Prosseguiremos, então, perguntando: como o Concílio Vaticano II abordou o conceito “missão” nos documentos *Ad Gentes* e *Gaudium et Spes*?

## 1.2 A missão para a *Gaudium et Spes*, a *Lumen Gentium* e o *Ad Gentes*

Na constituição pastoral *Gaudium et Spes* notamos que “a missão da Igreja se manifesta como religiosa e, por isso mesmo, humana no mais alto grau” (cf. GS 11). Neste sentido, não convém pensar em uma missão alienante, mas que busque esclarecer a dignidade da pessoa. A Igreja, por meio da mensagem do Evangelho, fala de esperança. Esses argumentos estão fundamentados na concepção que a constituição oferece.

Para a *Gaudium et Spes* é ainda evidente que: “a missão própria que Cristo confiou à sua Igreja, por certo, não é de ordem política, econômica ou social. Pois a finalidade que Cristo lhe prefixou é de ordem religiosa” (GS 42). Segundo esta concepção a dimensão

religiosa promove outros bens. A Igreja quer estar em profunda comunhão com Jesus Cristo. Podemos identificar a instauração do Reino de Deus realizada por Jesus, com a salvação da humanidade.

De outra forma, tal missão é explicada na constituição dogmática *Lumen Gentium*. Aqui a Igreja é iluminada por Cristo. Ela é, em Cristo, como que um sacramento, pois o sacramento primordial é Cristo. A consciência da identidade da Igreja está ligada a Cristo. A Igreja está prefigurada no plano divino. Ela apresenta um povo congregado. Com o envio do Espírito Santo se completa o seu fundamento pneumatológico. Assim, concordamos com a ideia de que o Espírito nos confirma em Cristo. Cristo, o conteúdo da comunidade congregada pelo Espírito, é o conteúdo fundamental da Igreja. É nesse conteúdo que conferimos a identidade da Igreja. Uma Igreja toda misteriosa e ministerial, a qual é chamada a se conceber como o mistério de Deus, por excelência.

Na *Lumen Gentium* 5, “o Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo”. O Reino é proposto na pregação do Reino de Deus. E tem uma característica histórica, mas a sua realização é escatológica. Assim, podemos dizer que a Igreja não é o Reino de Deus, mas é enriquecida por seu fundamento, Jesus Cristo. Dele ela recebe a missão de testemunhar o Reino de Deus.

A Igreja também espera o Reino de Deus. Ela é a primeira a ter ânsias pelo Reino. Se não acontece o Reino no mundo, a Igreja se encontra impossibilitada de dialogar com Jesus Cristo. A identidade da Igreja se manifesta na partilha. A comunhão e congregação revelam o rosto da Igreja.

O Concílio Vaticano II, no Decreto *Ad Gentes*, também apresenta um significativo texto para discutir a atividade missionária da Igreja. Ressaltamos uma concepção em desenvolvimento, e por isso falamos, ainda, no termo missão, embora o fim da atividade missionária seja

a evangelização (cf. AG 875)<sup>24</sup> A Igreja é, por natureza, para a missão. Foi assim que Deus Pai a designou. Tal atitude acontece pela via misericordiosa e por pura bondade divina.

De modo definitivo, por meio de Jesus Cristo, o mundo é reconciliado com Deus. No Espírito Santo a Igreja torna-se uma, seja em seu ministério ou em sua comunhão. É esse mesmo Espírito que vivifica a Igreja. Nesta lógica, a Igreja propaga a salvação em Cristo e cultiva a fé nos corações. A sua atuação junto aos seres humanos evidencia o seu seguimento, sua expressão de obediência ao mandato de Cristo.

A missão, no Decreto *Ad Gentes*, é entendida como continuação da missão do próprio Cristo. A Igreja preocupa-se com o mandato evangélico que as comunidades de Mateus 28,19ss e Marcos 16,15ss nos apresentam. Fundamentado nestes textos bíblicos concordamos com o Decreto quando menciona: “[...] a Igreja cumpre sua missão quando em ato pleno se faz presente a todos os homens ou povos, a fim de levá-los à fé, à liberdade e à paz de Cristo, pelo exemplo da vida, pela pregação, pelos sacramentos e demais meios da graça” (AG 5).

O texto acima mencionado fala do modo como a Igreja cumpre sua missão. A afirmativa “se faz presente em ato pleno”, comunica a necessária atuação da Igreja. Essa presença é mais que uma Instituição. É uma Comunidade reunida em torno de Jesus Cristo perenizado em seu memorial. A Igreja, em sua missão, dispõe de uma presença diferenciada. Sua comunicação com todos os seres humanos é para o amadurecimento da fé, da liberdade e da paz. Jesus Cristo é uma expressão para vários povos. Dizemos assim, porque há uma eficaz maneira de se fazer presente junto aos povos. Aqui defendemos o testemunho como essencial para a atuação da Igreja. O Decreto une

a presença ao testemunho da vida da Igreja. Outros elementos se apresentam agregados ao testemunho.

A atividade missionária da Igreja não tem seu fim depois do processo inicial. Existe sempre uma função. Aqui dizemos três, a saber, a função de procurar, convidar e pregar o evangelho àqueles que se encontram em processo contrário à acolhida do Evangelho pregado pela Igreja. Desse modo, o conceito de missão é apresentado no Decreto *Ad Gentes* da seguinte forma:

Chamam-se comumente “missões” as iniciativas especiais dos arautos do Evangelho que, enviados pela Igreja, vão pelo mundo todo realizando o múnus de pregar o Evangelho e de fundar a própria Igreja entre os povos ou sociedades que ainda não creem em Cristo. São realizadas pela atividade missionária e em geral exercidas em certos territórios reconhecidos pela Santa Sé (AG 6).

O Decreto *Ad Gentes* fala da missão como uma iniciativa de grupos para a pregação do Evangelho em dimensão territorial. A proposta é evangelizar os que ainda não creem. É perceptível que esse conceito de missão corresponde ao seu contexto. Não queremos aqui dizer que o Decreto seja pobre em mencionar a afirmativa “os que não creem”. Falamos assim, porque o ser humano procura uma forma de acreditar em um ser transcendente. Jesus de Nazaré faz acontecer essa relação na história, mas independente disso, o ser humano é um ser que busca o espiritual. Desta forma, pode ser que a missão neste conceito não valorize a cultura e a história dos povos. Isso por que quer levar o Evangelho aos que não creem. O Evangelho é para todos. Ele é sempre Boa-Nova.

O Decreto fala dessa forma, ainda, porque centraliza em Deus as suas motivações. Podemos assim dizer que o “o motivo dessa atividade missionária está na vontade de Deus, que quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade” (AG 7). Jesus Cristo é a comunicação de Deus. Para entender melhor

<sup>24</sup> PAULO VI. *Ad Gentes*. In: \_\_\_\_\_. CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

o que aqui estamos desejando comunicar citamos a obra *Jesus, o Libertador* de Jon Sobrino.

Para Jon Sobrino (1996) o Jesus histórico tem uma singular importância, pois ele ajuda a entender como de fato as coisas aconteceram na história. O autor faz uma distinção objetiva entre Jesus e Cristo. Podemos distinguir isso da seguinte maneira: para o substantivo Jesus considera a partir *de baixo, o serviçal*. Para Cristo adjetiva *o senhor* e é percebido como *o de cima*. “Para Jesus Deus não poderia não se relacionar com a história. A relação Deus e história são essencialmente próprias de Deus” (SOBRINO, 1996, p. 107).

Essa distinção tratada em sua obra ajuda o leitor a entender que se tomamos apenas o Cristo corremos o risco de abandonar quem de fato foi Jesus. Para conhecer quem, de fato, é Jesus de Nazaré é preciso conhecer o pobre. O pobre aqui são aqueles que são vítimas da realidade e, também, dos contra valores da sociedade.

A posição do autor em relação ao Jesus histórico e não ao Cristo da fé traz um fundamento para a cristologia no texto descrita: uma cristologia da libertação. Esse tipo de cristologia perpassa pelo Jesus histórico e mostra que Jesus de Nazaré pedia à sociedade que olhasse para o menor. Hoje em dia, não se pode dizer que Jesus é o Cristo sem conhecê-lo suficientemente.

Quando falamos de Jesus, convém lembrar que, no texto, se trata de um substantivo. Ninguém pode repetir o que Jesus fez, isso é claro, mas quando se olha para a carne, as palavras e a história de Jesus de Nazaré, o Espírito, atitudes e a escolha fundamental, passamos a conhecê-lo na textura crucificada da realidade. A tese de Jon Sobrino é que o mais histórico de Jesus é a sua prática e o Espírito é que o ajudou a executá-la. Neste sentido, a fé da cristologia da libertação é seguir Jesus a partir dos dados de sua vida e de causas por ele assumidas. Este é também o ponto metodológico. O ato de teologizar e historicizar Jesus estão intimamente relacionados, não se pode falar do Jesus histórico sem mencionar o Cristo da fé.

Assim dizemos que “o ponto de partida real é Cristo. Mas o ponto de partida metodológico é o Jesus histórico” (SOBRINO, 1996, p. 90).

A práxis de Jesus de Nazaré é caracterizada como “pro” e em nenhum momento como “anti”. Isso é perceptível quando ele acolhe os excluídos da sociedade. Ele quebra a lógica da tradição judaica e cumpre fielmente a lei. Não muito distante disso, sua oração está totalmente relacionada com sua prática. Ele chama Deus de paizinho. Essa familiaridade e confiança em Deus são expressas pelo termo *abbá*. É uma palavra muito simples, mas que o Jesus de Nazaré reinterpreta em sua relação com Deus. É nesse contexto que Jesus se deixa mover por Deus.

O Jesus histórico combate o que há de opressor e o que destrói a dignidade da vida. A existência de Jesus de Nazaré é denominada inclusiva, seja em uma perspectiva social e até política. O Jesus histórico teve uma causa que o levou à morte. Isso aconteceu pelo que Ele deu privilégio: injustiças praticadas contra o pobre, o oprimido. Os pobres são aqueles que estão embaixo, seja economicamente ou até mesmo moralmente.

O recorte feito no texto com a teologia que Sobrino elaborou ajuda a perceber passos da manifestação de Deus por meio do anúncio do Evangelho. Para o Decreto *Ad gentes* é claro o seguinte:

A atividade missionária é nada mais nada menos que a manifestação ou Epifania do plano divino e o seu cumprimento no mundo e em sua história. É nela que Deus realiza publicamente a história da salvação, pela missão. Mediante a palavra da pregação e a celebração dos sacramentos, cujo centro e cimo é a Santíssima Eucaristia, torna presente a Cristo, autor da salvação (AG 9).

Apesar de termos citado anteriormente uma breve apresentação da obra de Sobrino, é perceptível com o texto do decreto AG 9, que existe uma distância nos propósitos. O Texto de Sobrino fala para a realidade da América Latina e o Decreto motiva o leitor a perceber

a missão da Igreja como celebração dos Sacramentos. É difícil conjugar as mesmas ideias, e ao mesmo tempo é fácil perceber as linhas norteadoras para o anúncio da Boa-Nova. O Decreto coloca, em outro momento, todo o povo de Deus para viver e levar a fé onde se está. O missionário, no texto, tem o dever de “empenhar-se com afinco na obra da evangelização” (AG 36).

Essas reflexões acima apontaram alguns elementos da missão nos textos *Gaudium et Spes*, *Lumen Gentium* e *Ad Gentes*. Permeiam um fator importante que é o de se aproximar mais a Jesus Cristo e ao anúncio do Reino de Deus. Teorias sobre a evangelização são sempre atuais e perpassam por diferentes níveis de compreensão sobre o Filho de Deus. Diante de tais argumentos, queremos ainda colocar em evidência o que o sínodo de 1974 diz acerca da evangelização.

### 1.3 O sínodo sobre a evangelização no mundo contemporâneo

O Sínodo de 1974, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, se apresenta a partir de dois aspectos, a saber, o teológico e o pastoral. Foi um sínodo que percorreu a metodologia do Concílio Vaticano II. Nas suas reflexões a imagem da Igreja, a redescoberta da Igreja particular, a evangelização, a ação do Espírito Santo e os caminhos para a evangelização foram assuntos para, com bom empenho, serem aplicados metodologicamente na teologia e na pastoral.

No texto *A evangelização no mundo de hoje* merece ser destacado um argumento. O texto segue com essas palavras: “os padres sinodais, em sinal de realismo e de humildade, reconhecem que a Igreja não só não é idêntica ao Evangelho, nem lhe esgota a totalidade de atuação, mas, muitas vezes, parece ter sido, em seus membros, infiel a ele” (cf. CARVALHEIRA et al., 1975, p. 9). Esse aspecto negativo que o Sínodo de 1974 evidencia não está distante da concepção de evangelização que os documentos conciliares nos apresentaram.

A *Lumen Gentium* 5, fala da relação da Igreja com o mundo e com o Reino de Deus. É perceptível que o Sínodo tenha notado essa

dificuldade dialogal da Igreja nessa relação que a Constituição apresenta. A Igreja, para o texto *A evangelização no mundo de hoje*, não evangeliza para culturas diferentes. A Igreja apresenta uma metodologia opressora e aspira pelo domínio, seja cultural ou não. Diante disso, a sua identidade se desfigura. De uma comunidade fraterna a Igreja assume uma posição apática. Porém, antes de qualquer ato, a missão da Igreja é a promoção da salvação do ser humano. Por isso, se diz que a Igreja é sinal de salvação.

O Sínodo reflete sobre as diferentes realidades que a fé percorre. Os continentes vivem a fé católica de maneiras diferentes. Mas, essa diferença não é uma tensão, mas uma riqueza. Esse aspecto determina uma consciência nova. É necessária a autonomia, a criatividade e a originalidade das Igrejas espalhadas em diferentes continentes. “Os Padres percebem que o fundamental é anunciar a salvação do Pai realizada em Cristo a todos os homens de todas as culturas, raças e línguas” (CARVALHEIRA et al., 1975, p. 21). Assim entramos em sintonia com o Decreto *Ad Gentes* 5, que reza a ideia da Igreja missionária por natureza. Essa riqueza que a diversidade oferece ao Evangelho, quando valorizada, permite que a Igreja universal tenha uma autenticidade eclesial criativa e mais próxima da sua natureza.

Tais perspectivas nos levam a entender que evangelizar é promover a libertação. “A Lei do Espírito da Vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8, 2). Libertar é uma bonita ação de Jesus Cristo nos evangelhos. Olhando para o fundamento da Igreja, promovemos a evangelização na libertação, na luta por mais justiça. A promoção da libertação pela Igreja é um bem que fala melhor de sua identidade.

A força animadora presente no projeto da Igreja é a do mesmo Espírito que esteve com Jesus de Nazaré, com os discípulos e está com a Igreja. Uma Igreja que é cheia do Espírito é mais disponível, despojada e acolhedora, em um mínimo, da mensagem cristã. Em

At 1,6-11, o programa evangelizador apresentado por Lucas no v. 8 é decisivo: ser testemunha. Essa palavra é gritante em nossas comunidades eclesiais. A ação do Espírito Santo leva a comunidade eclesial à dinamicidade da vida e de sua história. A ação é um diálogo e se atualiza constantemente.

A Igreja, habitada pelo Espírito, é aquela que fundamenta o amor incondicional na matéria, na vida e na consciência prestativa do seu testemunho. Embora tenhamos entendimento que o Espírito está em todos e em tudo, resumimos a presença do Espírito na comunidade como um sinal que energiza o agir cristão que é diferente da ação de uma empresa ou de uma instituição qualquer.

Por fim, concordamos com a ideia de que “[...] a obra evangelizadora é promover e cultivar o espírito e a vivência comunitária em suas estruturas e em suas ações” (CARVALHEIRA et al., 1975, p. 51). Essa vivência comunitária impulsionada pelo encontro com a Palavra faz com que a Igreja busque novos métodos na obra evangelizadora.

Podemos citar as quatro condições que o texto *A evangelização do mundo de hoje* descreve para que a evangelização aconteça em suas particularidades: a) a evangelização não pode estar distante da vida, dos acontecimentos dos homens e mulheres; b) o homem e a mulher precisam se sentir acolhidos, elemento importante nesse processo evangelizador; c) a espiritualidade da evangelização precisa estar mais forte que a racionalidade e a hierarquia e, em fim, d) uma evangelização que aconteça na fraternidade, onde cada um seja valorizado como um irmão.

O espírito da evangelização soa com mais liberdade que o espírito da missão. Neste sentido, convém procurar saber quais os motivos que levaram a Igreja, depois de dez anos do Concílio Vaticano II, a promulgar uma exortação falando sobre a evangelização. É conveniente abandonar o conceito *missão* e assumir o conceito *evangelização*?

Percebemos que o anúncio do Reino de Deus é o ponto fundamental na missão da Igreja. As primeiras comunidades cristãs fizeram da Palavra de Deus o seu centro e, isso é fundante para a Igreja. O Espírito, que acompanhou a Igreja dos primeiros séculos é o mesmo Espírito que dá força à missão da Igreja.

Olhando para os fundamentos teóricos da Igreja somos motivados a permanecer no mesmo espírito de Igreja povo de Deus. Perceber em Jesus de Nazaré a manifestação do rosto de Deus ainda em nossos dias, fazendo, portanto, do outro uma experiência de Deus. Os documentos GS, LG, e AG apresentam ideias significativas no tema desenvolvido. Para esses textos a Igreja precisa ser evangelizadora. Essa ação faz parte do seu chamado e vocação.

Foi nossa opção falar do sínodo de 1974, embora em poucas linhas. Ele é enriquecedor para o surgimento da resposta de Igreja aos apelos do mundo. Esse cenário proporciona entender que a Igreja estava vivenciando um tempo diferente e que pedia com urgência uma posição em relação à evangelização no mundo contemporâneo.

## 2. Identidade e missão dos cristãos

Neste capítulo temos como tema central os primeiros cristãos. Para isso, dividiremos o nosso trabalho em três partes. Utilizaremos como fonte bibliográfica a coletânea de textos disponíveis na publicação *Cristianismos originários (30-70 d.C.)*. Além desses textos faremos referência à obra *A memória do Povo cristão*, de Eduardo Hoornaert. Para situarmos as datas históricas iremos até o manual de História da Igreja, de Henrique Cristiano José Matos: *Eu estarei sempre convosco*.

No primeiro tópico falaremos sobre missão e evangelização. Parece estranha a nossa opção por falar aqui de alguns aspectos da Igreja dos primeiros séculos. A intenção está em fundamentar, assim como fundamentam os escritos semíticos, o que é mais importante.



É preciso sempre voltar às origens, a fim de avançar na caminhada. Nunca parar, e decididamente nunca piorar.

No segundo tópico usaremos alguns textos de Atos dos Apóstolos. Sabemos que são textos aproximados aos anos 80. A nossa opção por esses textos e a delicadeza da escrita lucana, sua obra e a narrativa da experiência dos atos de Pedro e Paulo, duas colunas da Igreja.

Fecharemos este capítulo com um olhar especial sobre a história da Igreja. Traremos fatos que se distanciaram da Igreja primitiva. Não nos preocuparemos em apontar aspectos negativos desse período, mas optaremos por, apenas, fazer um recorte para melhor fundamentar a nossa pesquisa. Há cunhos positivos e negativos em todos os relatos. Aqui queremos destacar aspectos que se desviaram da mensagem central do Evangelho e da missão evangelizadora da Igreja.

### 2.1 Considerações sobre o conceito “missão” e “evangelização”

A teologia da missão apresenta o conceito “missão” como um termo que se tornou corrente entre os séculos XVI a XVII. Essa ideia quer se referir à ação da Igreja em relação aos não batizados como também à instituição eclesial em determinados lugares. Tornou-se mais forte e comum falar de missão e missionários ligados às novas conquistas mercantilistas promovidas por países europeus. Nesse contexto, a missão se encaixou muito bem no método colonizador proselitista e autoritário, que tornou esse conceito semanticamente poluído e distante do Evangelho.

A palavra “missão” é uma busca para o reconhecimento da ação de Deus na vida do ser humano. A Igreja é, por sua natureza, missionária. Falamos assim, porque o seu fundamento está enraizado na missão de Deus Filho pelo ânimo do Espírito Santo no plano salvífico de Deus Pai (cf. AG 1). Neste sentido, a missão da Igreja não poderia ser delimitada a espaços geográficos, como o continente americano

ou outros. Mas, deve fazer parte a sua ação evangelizadora em todas as dimensões da vida.

Infelizmente esse aspecto foi ofuscado pela ideia de empreendimento territorial. A missão da Igreja, de natureza divina, foi confundida e instrumentalizada para valorizar o domínio, a colonização, a demarcação do espaço religioso. Tudo isso implica em sujeitos. Os sujeitos, considerados nesse contexto como simples “destinatários” da missão, sofrem as consequências desse tipo de ação missionária. Os “outros” são sempre considerados os piores: idólatras, sem Deus, sem Lei e sem Rei e, por isso mesmo, devem ser catequizados. A igreja oficial não pensou que ela própria, por primeiro, deveria se evangelizar. Sempre se partiu para fora, para o “outro”, visto como diferente e esquisito, como não possuidor da cultura ocidental detentora do poder. Isso contribuiu para o preconceito de que o “outro” é pagão, impuro e inferior.

Diferente dessa visão, a autêntica evangelização tem uma forte conotação de transformação da realidade. Ela está preocupada com a mensagem evangelizadora que liberta e não com a dominação política, a exploração econômica e a imposição cultural aos povos. Em síntese, pode-se dizer que:

No seu sentido mais pleno, a evangelização é o anúncio e o testemunho do Evangelho por parte da Igreja, através de tudo o que esta diz, faz e é. A evangelização encerra, em certo sentido, todo o agir eclesial, enquanto este tem por fim anunciar e testemunhar o Evangelho do Reino. (ALBERICH, 1983, p. 42).

O termo “evangelização”, conforme Alberich, tem um bonito fundamento quando ressalta dois termos, a saber, *anúncio* e *testemunho*. Ambos estão unidos. A Igreja proclama o Evangelho, mas, além disso, é preciso ser condizente com o anúncio. A evangelização é objetiva. Ela não visa interesses institucionais. Ela é diferente da instituição eclesiástica. Nem mesmo necessita de uma instituição

e sim de homens e mulheres dispostos/as a evangelizar por amor e pela promoção do Reino de Deus.

## 2.2 O perfil das primeiras comunidades cristãs

As primeiras comunidades que giram em torno do fato real *Jesus Ressuscitado* têm uma marca profunda. Esta maneira de ser é caracterizada por uma comunidade ideal: “eles mostravam-se assíduos no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2, 42). Esta citação bíblica orienta nossa exposição. Temos claro que se trata de uma segunda parte da obra de Lucas que é aproximadamente do ano 80. Antes disso, é possível encontrar dados sobre o perfil das primeiras comunidades. Mas queremos começar pela segunda parte da obra de Lucas. O importante para este trabalho é fundamentar, a partir dela, a ideia de que a experiência que os apóstolos realizaram com Jesus resulta em uma ‘maneira de viver’. Esta é a identidade da Igreja dos primeiros séculos. Uma comunidade preocupada em viver uma experiência de fé em Jesus e com Jesus.

Fazendo um salto metodológico aos anos 30 e 70, onde temos a datação da morte de Jesus indo até a destruição do templo de Jerusalém, notamos que é um período marcado pela evangelização, concebido como missionário e carismático. O apóstolo Paulo é uma figura importante nesse processo missionário e oferecerá uma expansão da fé no Ressuscitado. Esse tempo, na concepção de RICHARD (1995, p. 8) é “o tempo da Missão e do Espírito (30-70 d.C.) e vem antes do tempo de organização das igrejas”. É ainda um período apostólico e a base para a vivência posterior da fé cristã.

A experiência em torno do ressuscitado acompanha o testemunho comunitário. O mesmo Espírito que acompanha Jesus é agora o mesmo que dá força à caminhada dos apóstolos, como também de todos que anunciam a Boa-Nova. O Espírito é para todos. O anúncio

do *querigma*<sup>25</sup> se faz presente na experiência das primeiras comunidades. É bom notar que

estas primeiras comunidades, antes e depois da morte de Jesus, eram sustentadas e animadas por missionários e missionárias ambulantes. Estes e estas, diferentemente dos missionários judeus, não levavam nada no caminho, nem escola, nem dinheiro, mas confiavam na solidariedade do povo. (MESTERS; OROFINO, 1995, p. 35).

O fato de “não levar nada” propicia uma abertura para a acolhida da Palavra. Não estar preso ao velho, à lei, aos ensinamos da antiga comunidade. Um espírito de comunhão de vida identifica essas comunidades. São os de fora que as caracterizam. Mais que acumular, a partilha tem aí seu fundamento. A decisão pelo seguimento do Mestre os tornava mais abertos e acolhedores. As mulheres, por exemplo, tiveram um papel importante na construção dessa identidade. Elas estavam presentes na comunidade nascente e eram perseverantes e unânimes na oração como aglutinadoras da comunidade (cf. At 1, 14).

É importante lembrar os locais onde essas primeiras comunidades se reuniam para a realização dos encontros fraternos. Isso também fala de sua identidade. Enquanto os judeus se dirigiam a Jerusalém para a realização de sua liturgia, os que seguiam o Ressuscitado se reuniam em casas populares. Esse marco é norteador, tanto neste ponto de nosso trabalho como também para o próximo item deste capítulo. Nos argumentos de Mesters e Orofino (1995, p. 41) identificamos o seguinte:

Ora, as comunidades fundadas neste segundo período se reuniam não em lugares públicos, mas sim nas casas do povo: na casa

<sup>25</sup> Por κήρυγμα queremos falar de proclamação, pregação. “Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, a fim de que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e ouvida por todas as nações” (Tm 4,17).

de Priscila, tanto em Roma (Rm 16, 5), como em Éfeso (1Cor 16, 19); na casa de Filêmon e Ápia em Colossos (Fm 2); na casa de Lídia em Filipos (At 16, 15); na casa de Ninfa em Laodicéia (Cl 4, 15); nas casas de Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã e de Olimpas (Rm 16, 15).

O período sub-apostólico vive um novo paradigma, a saber, a descentralização do templo de Jerusalém. Esse aspecto cheira a uma separação entre judeus e os seguidores de Jesus Cristo. Reunir-se nas casas nos leva a perguntar se a estrutura comunitária corresponde às estruturas do Templo. Uma casa popular não comporta o cenário que o Templo oferece.

Em At 5, 11, quando refletimos sobre a comunidade real na qual a vida em Cristo estava inserida, percebemos que o autor de Atos dos Apóstolos usa pela primeira vez o termo Igreja. Pode ser uma informação simples, a princípio, mas na verdade nos ajuda a perceber a realidade da comunidade primitiva que se organiza mostrando, assim a sua identidade nascente. Em At 11, 26 os seguidores de Jesus Cristo foram chamados pela primeira vez de “cristãos”. É a Igreja de Antioquia que dá origem à identidade dos que seguiam a Boa-Nova. Antes disso os cristãos eram conhecidos como Nazarenos.

Pela força do Espírito Santo, Pedro e Paulo anunciavam o que-rigma. Junto aos discípulos, a comunidade instituiu sete diáconos. Estevão, que é caracterizado como homem de muita fé e do Espírito de Deus. Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pârménas e Nicolau. É comum o exercício do serviço à comunidade. Neste sentido não podemos deixar de ressaltar que se valorizava a ação do Espírito para o exercício na vida em comum dos primeiros cristãos. A Palavra é para todos. Jesus chamou doze apóstolos e estes instituirão sete diáconos. Doze representa a tradição judaica e sete nos fala da comunidade dos gentios a qual a Palavra de Deus deveria também ser enviada. Para os gentios Paulo será uma grande referência, assim como Pedro para os judeus.

A Palavra de Deus, com isso, é estendida a todo o mundo, a todos os povos. Pedro e Paulo são duas colunas da Igreja primitiva, mas não só. Para Hoornaert (1986, p. 80) “[...] também o centurião Cornélio, a comerciante Lídia, Aquiles e Priscila, os pecadores, os marinheiros, os comerciantes, as donas-de-casa, os artesãos” foram responsáveis pela memória da missão de Jesus. Ser cristão é ser missionário, é viver como seguidor do Mestre.

Não é tão simples separar o cristianismo nascente do judaísmo, pois aquele tem neste suas raízes. A partir das tradições do judaísmo crescem os costumes da nova comunidade. São esses embates que farão com que os apóstolos interpretem seu campo de missão somente nas terras judaicas. Paulo, porém, parte para a terra dos gentios e lá anuncia o Deus desconhecido aos pagãos (cf. At 17, 23). E percorre diferentes cidades levando os gentios a conhecerem a misericórdia de Deus que se cumpre em Jesus Cristo. Assim como outras, as Igrejas de Corinto e Éfeso são resultado da atividade missionária de Paulo.

A missionariedade é uma característica das primeiras comunidades, fundada no anúncio da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. A centralidade das primeiras comunidades era o memorial do senhor. A celebração da Palavra e do partir do pão, assim como os dons eram colocados em comum. Uma festa movimentada por um só coração. A fraternidade era uma marca fundamental nesta etapa histórica da fé cristã.

A expansão da mensagem de salvação nos proporciona uma reflexão sobre a Igreja no seu período de institucionalização. Neste aspecto perceberemos como se inverte a obra missionária dos cristãos primitivos. Vários elementos da fraternidade, do apostolado e da compreensão da mensagem evangélica são encarados de uma forma equivocada. Isto nos leva a perguntar se, de fato, a Igreja institucionalizada é a mesma Igreja vivenciada nos primeiros séculos da fé no Ressuscitado.

### 2.3 Igreja institucionalizada

A Igreja passou por uma série de mudanças depois que as testemunhas oculares morreram. Os continuadores da obra missionária dos primeiros cristãos tinham uma preocupação em conservar os relatos sobre Jesus de Nazaré. Nesse sentido foram escritos os textos que chamamos de Segundo Testamento. Isso se deu devido a diferentes heresias em torno das interpretações do Senhor Jesus.

Nesse contexto, surgem diferentes concepções sobre o conteúdo de fé das comunidades primitivas. As definimos como arianas, macedônias, nestorianas e monofisitas. É interessante falar sobre elas, porque essas não eram preocupações da Igreja nascente. Ário (280-336) dizia que Jesus Cristo não era Filho de Deus, mas um ser humano como nós. Em 313, Constantino, com o Edito de Milão, concede a liberdade religiosa aos cristãos. A partir desse momento, a fé cristã sai das catacumbas e torna-se uma religião lícita.

Como resposta aos problemas que surgem com as ideias de Ário, a Igreja decide, no Concílio de Nicéia (325), que Jesus é Filho de Deus e tem a mesma natureza que o Pai. Macedônio fez críticas quanto ao Espírito Santo. Para ele, o Espírito era uma criação de Jesus Cristo. Na experiência das Primeiras Comunidades o Espírito Santo era muito importante, pois foi prometido por Jesus Cristo. Lemos assim em At 1,8: “mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, e em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”.

Contra a heresia argumentada por Macedônio o Concílio de Constantinopla (381) defendeu a divindade do Espírito Santo. O Concílio combate os *pneumatistas* afirmando que o Espírito Santo é Deus. Neste período da história da fé o Concílio elabora a profissão de fé niceno-constantinopolitana. Temos ainda, em 431, o Concílio de Éfeso que afirmou o *theotókos*. É um concílio cristológico contra o nestorianismo. Com esse Concílio afirma-se que Jesus Cristo é Ser humano e Ser Divino e nenhuma dessas duas naturezas se separam.

Em 451 é realizado o Concílio de Calcedônia, devido o retorno das heresias contra a natureza humana de Jesus, pois falava o monofisismo que Jesus só tinha uma natureza. O Concílio proclamou que Jesus Cristo é único e que tem duas naturezas, a saber, é humano e divino ao mesmo tempo. A natureza divina não absorve a natureza humana e nem a natureza humana confunde a natureza divina. Assim, se diz que as duas naturezas são sem confusão, sem mudanças e sem separação.

Esses quatro concílios imperiais, além de estarem a favor de uma só fé, também mostram outro lado da Igreja. Quando o cristianismo foi aceito como uma religião lícita, a Igreja, em seu processo histórico, torna-se cada vez mais imperial. Para Henrique de Matos “no reinado de Teodósio I (379-395), o cristianismo é declarado ‘religião de Estado’. Sela-se uma aliança entre os dois poderes que terá uma vigência de aproximadamente quinze séculos, fenômeno conhecido na história como regime de cristandade” (MATOS, 2006, p. 21).

A partir desse momento a Igreja muda de paradigma e se distância da sua identidade: de perseguida ela passa a ser perseguidora. Em vez de evangelizar a Igreja institucionalizada passa a promover uma integridade sociopolítica e cultural (cf. MATOS, 2006, p. 29). Nos períodos de 752-757 podemos falar do *patrimonium Petri*. O papa tinha terras as quais deram origem à Cidade do Vaticano. Ele passa a ser um dono de terras e de um Estado. A Igreja, que em seu início, tinha uma identidade de partilha de bens, agora passa a ser dona dos bens. Isso proporciona um grande problema evangelizador. O papa assume um papel estranho. Ele é o sumo pontífice, tem poder absoluto. Surgem as cruzadas em nome da fé e diversas colonizações.

Evidentemente, nessas ‘missões’ a defesa da religião estava embebida de preocupações comerciais e políticas. Os povos que foram envolvidos nesse processo confundiram a missão da Igreja. Não era evangelização, mas sim tomada de posse e imposição do

regime da cristandade. A Igreja, na cristandade, vende o céu, vende os espinhos de Jesus Cristo e insígnias dos primeiros mártires. Ela inverte sua missão: cria o medo do inferno, condena culturas, julga e queima corpos.

É perceptível, para a nossa discussão, que essa forma de ser Igreja não se aproxima do modo de ser Igreja das comunidades primitivas. Não se trata de imitar ou aproximar, mas ser uma comunidade que vive a experiência de Jesus Cristo Ressuscitado. A experiência em torno de Jesus de Nazaré abre o coração humano para entender a identidade da Igreja e se desprender dos diferentes ‘deuses’ que impossibilitam de fazer memória do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Uma só fé, um só Senhor. Uma coerência no que anunciamos, pois “todo profeta que ensina a verdade, mas não pratica o que ensina é um falso profeta” (DIDAQUÉ, XI, 10). Neste sentido perguntamos: o que a Igreja tem refletido e o que tem oferecido como resposta a sua vocação?

Com a chegada do Renascimento a fé cristã passa a ser alimentada pelos intelectuais. Nesse período o ser humano volta a ser o centro e se buscam reavivar os valores da cultura grega. A Igreja institucionalizada entra em crise, pois surgem diferentes movimentos que querem voltar às origens. Dentro da Igreja o monaquismo entra em uma forte crise; nos chama a atenção o movimento franciscano, que desperta a Igreja para sua vocação de, na pobreza, seguir seu Mestre que viveu sua missão entre os pobres.

Grandes líderes como Lutero, Zwínglio, Calvino e Henrique III estão ‘preocupados’ com a mensagem evangélica. O cunho teológico dos seus protestos à Igreja é o retorno às fontes do Evangelho. Contra tais ideias a Igreja, no Concílio de Trento, estabelece normas a serem seguidas, como afirma Matos: “apesar de ser um dos concílios mais conturbados da história, realizou uma obra ingente no que diz respeito à doutrina e à disciplina da Igreja, contribuindo significativamente para traçar uma nova ‘identidade católica’” (MATOS, 2006, p. 54).

Essa identidade que a Igreja vai adquirindo com o Concílio de Trento foi positiva, mas também negativa. No âmbito da evangelização, que é o nosso objeto de estudo, não teve muitos avanços. A Fé Cristã e o Império ainda andavam de mãos dadas. Com a instituição jurídico-política do padroado a Igreja se aliou ao sistema colonizador na conquista de novas terras delegando aos poderes dominantes sua missão de evangelizar. Assim, a fé cristã foi instrumentalizada pelo poder político e econômico. A catequese ministrada pelos missionários estava mais ligada à europeização que à fé em Cristo. A Igreja se omite e alia-se aos interesses das coroas portuguesa e espanhola, e sucessivamente, aos de outros Estados Nacionais.

Um exemplo importante dessa relação é a missão de Frei Antônio de Montesinos e de seus confrades dominicanos. Podemos conferir as palavras da pregação.

Esta voz, disse ele, é que todos estais em pecado mortal e nele viveis e morreis por causa da crueldade e tirania que usais com estas gentes inocentes. Dizei, com que direito e com que justiça tendes em tão cruel e horrível servidão estes índios? Com que autoridade tendes feito tão detestáveis guerras a estas gentes que estavam em suas terras mansas e pacíficas, onde tão infinitas delas, com mortes e estragos nunca ouvidos, tendes consumido? Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem lhes dar de comer nem curá-los em suas enfermidades em que incorrem pelos excessivos trabalhos que lhes dais e morrem, dizendo melhor, os matais, para tirar e adquirir ouro cada dia? E que cuidado tendes de que alguém os doutrine, conheçam seu Deus e criador, sejam batizados, ouçam missa, guardem as festas e domingos? Eles não são homens? Não têm almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos? Não entendeis isto? Não percebeis isto? Como estais dormindo sono tão profundo e tão letárgico? Tende certeza que no estado em que estais não vos podeis salvar mais do que os mouros ou turcos que não têm e não querem a fé de Jesus Cristo.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> SERMÃO PROFÉTICO DO DOMINICANO ANTÔNIO MONTESINOS EM DEFESA DOS ÍNDIOS. Disponível em: <[http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms\\_docu-](http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_docu-)

Em seu sermão num domingo do advento de 1551 Montesinos nos dá testemunho de um verdadeiro profetismo que consideramos um exemplo no campo da evangelização. O método missionário de Montesinos é profético, pois se afasta do método colonizador. Ele denuncia as injustiças que os espanhóis estavam praticando contra os indígenas. Montesinos denuncia assim como João Batista, nos sinóticos, identificando-se como a voz que clama do deserto: “como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem lhes dar de comer nem curá-los em suas enfermidades em que incorrem pelos excessivos trabalhos que lhes dais e morrem, dizendo melhor, os matais, para tirar e adquirir ouro cada dia?”. Não muito diferente da realidade de João Batista, Antônio de Montesinos aparece, diante de tanta calamidade que a colonização provoca, como “voz que clama no deserto”. Para ele o maior obstáculo para a conversão e a catequese dos índios não era a idolatria que estes praticavam, mas a injustiça praticada contra eles. O colonizador é tirano e cruel com a cultura e com a religião dos nativos. A diferença é que os missionários se deixaram ser povo com os nativos. Isso fica claro quando eles levantam a voz em defesa deles, contra a crueldade dos colonizadores que não só os escravizam, mas ainda lhes impõem sua cultura.

Com o Sermão de Montesinos preparamos o terreno para uma nova discussão: evangelização e exploração são bem diferentes. Ambas se contradizem. Ou a Igreja evangeliza ou a Igreja se deixa instrumentalizar pelos poderes políticos e econômicos. Percorremos dados da história que ajudam na reflexão acerca da identidade da Igreja. Entre os primeiros cristãos e os cristãos da cristandade é notável os diferentes valores. Enquanto uns demonstram seu testemunho-experiência por meio da partilha e da vida fraterna, a Igreja da cristandade se alia aos poderes dominantes e exploradores.

Nesse sentido, desejamos, a seguir, apresentar outro paradigma importante na história da fé cristã e do processo evangelizador. Ele brota no pós-Vaticano II e está expresso na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, que é enfática quando trata da identidade e vocação da Igreja. Buscamos nela essa perspectiva porque está em maior consonância com o Evangelho e com as tentativas evangélicas do atual líder da Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa Francisco, que publicou recentemente a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Durante seu pontificado o Papa Paulo VI pede insistentemente que a Igreja, se quiser ser fiel à sua vocação missionária, reveja seu conceito e suas práticas de missão. Assim, no próximo capítulo nos propomos a analisar qual é a identidade da Igreja na *Evangelii Nuntiandi* e em que aspectos ela coincide com a *Evangelii Gaudium*.

A Bíblia, especialmente, em *Atos dos Apóstolos* 1,8 deu fundamento à teoria deste capítulo. Foi falado de alguns aspectos da Igreja dos primeiros séculos. Fundamentamos por meio da obra de Lucas as bases da missão da Igreja.

A história da Igreja tomou um lugar privilegiado neste capítulo. Estudar a história é fundamental para fazer memória das nossas raízes e avançarmos no tempo em que estivermos. Voltar a matriz cristã não é saudade, mas certeza de que estamos avançando com a história da humanidade.

Também fizemos opção por apresentar fatos da Igreja que se distanciam da Igreja primitiva. Não foi nossa preocupação apontar aspectos negativos, mas recortes que poderiam fundamentar a nossa pesquisa. O protagonismo e o interesse por métodos que contribuam para a propagação da mensagem central do Evangelho e da missão evangelizadora da Igreja. Logo, justifica-se o nosso interesse por trazer presente a missão de Montesinos. Ao olhar para essa histórica realidade missionária, ver-se de fato em nossos dias somos ousados para a afirmação da vida, da Palavra de Deus.

mentos\_pdf\_30.pdf>. Acesso em 07 de fev. de 2016.

### 3. A evangelização na *Evangelii Nuntiandi* e aproximações com a *Evangelii Gaudium*

Neste capítulo objetivamos apresentar uma ideia de evangelização para a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. A autoria do documento pontifício é atribuída ao Papa Paulo VI, mas sabemos que ela é fruto do Sínodo de 1974, sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo. É uma exortação que pretendeu dar uma resposta aos apelos da evangelização no mundo contemporâneo. No discurso de 27 de setembro de 1974, por ocasião da Terceira Assembleia Geral do sínodo dos bispos, Paulo VI expõe duas notas de fundamental importância sobre a evangelização.

A primeira nota é assim dita: “evangelizar não é para nós convite facultativo, mas é dever estrito, tal como expresso, com aviso quase ameaçador, – é fala para si mesmo” (tradução nossa).<sup>27</sup> Essas palavras do Sumo Pontífice são provocativas. Elas têm uma força evangélica. Fazem voltar às Escrituras e nelas aprimorar o seguimento de Jesus. A segunda nota nos questiona sobre os limites da evangelização. Para o papa “a universalidade da evangelização, o que quer dizer a exigência de levar a mensagem evangélica a todos os homens sem exclusão geográfica, de raças, de nações, de história, de civilização” (tradução nossa).<sup>28</sup> Essa dimensão de espaço é essencial e constitutiva para a Igreja.

Este tema, “a evangelização”, tem favorecido diferentes questionamentos para a nossa pesquisa. Por isso, buscaremos na *Evangelii Nuntiandi* identificar os melhores argumentos que favoreçam uma

discussão acerca da identidade da Igreja. A identidade da Igreja é evangelizar; se não evangelizar ela não é a Igreja que tem como fundamento Jesus Cristo.

Por outra parte, faremos uma abordagem do documento do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*. Apresentaremos elementos que confirmem que em nossos dias existe uma preocupação fundamental para a evangelização, confirmando, portanto, a ideia central deste trabalho monográfico, de que a evangelização constitui a identidade da Igreja. Assim, seja com este pensamento pontifício ou com o pensamento do Papa Paulo VI, apresentaremos nossa reflexão a partir da seguinte indagação: qual é a identidade da Igreja nos documentos *Evangelii Nuntiandi* e quais aproximações com a *Evangelii Gaudium*?

#### 3.1 Fundamentos da evangelização na *Evangelii Nuntiandi*

No décimo terceiro ano do Pontificado do Papa Paulo VI, ano de 1975, foi publicada a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Está organizada em sete partes. Utilizamos este texto para justificar a identidade da Igreja no mundo contemporâneo. A comunidade eclesial, os episcopos, os clérigos e fiéis estão imbuídos pelos valores do Reino de Deus.

A primeira parte reflete os aspectos centrais da evangelização. O Papa Paulo VI centraliza em Jesus Cristo a Boa-Nova e os fundamentos da evangelização. Com esta perspectiva, entende-se a atuação da Igreja. Com a segunda é apresentada a ideia de evangelização. O que é evangelização? Nesta parte entendemos que o testemunho de vida tem um significado nesse processo. A terceira trata-se da concretização da evangelização. Como essas ações estão organicamente ligadas ao centro evangélico, Jesus Cristo, implicando, assim, na libertação. Na quarta, o pontífice fala do modo como a evangelização pode ser aplicada. Nesse sentido, retoma a importância do testemunho de vida, do anúncio e da ação da Igreja, por meio da liturgia e da catequese. Assim, na quinta, esclarece os destinatários

<sup>27</sup> “Evangelizzare non è per noi invito facoltativo, ma è dovere stringente, come si esprime, con monito quasi minaccioso - e parlava a se stesso! III assemblea generale del sinodo dei vescovi”. *Allocuzione di apertura del santo padre Paolo VI*. 27 de set. De 1974. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1974/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19740927\\_allocuzione-iniziale.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1974/documents/hf_p-vi_spe_19740927_allocuzione-iniziale.html)>. Acesso em 19 de abril de 2016.

<sup>28</sup> “[...] l’universalità dell’evangelizzazione, il che vuol dire l’esigenza di portare il messaggio evangelico a tutti gli uomini, senza preclusioni geografiche, di razza, di nazione, di storia, di civiltà [...]”. Idem.

da evangelização. A sexta devolve a toda a Igreja a mesma responsabilidade de batizados. O sétimo capítulo, busca inspirações no Espírito para aprimorar a nossa criatividade de evangelizadores onde quer que estejamos e o que somos.

A exortação nos permite reler os seus antecedentes. Qual o contexto em que surge a *Evangelii Nuntiandi*? Essa mesma pergunta orienta a seguinte questão: se a Igreja escreve sobre o anúncio do evangelho, logo a missão da Igreja estava se distanciando da missão que os evangelhos dão aos seguidores de Jesus Cristo. Isso evidência uma crise de identidade institucional. O desvio se apresenta ofensivo à vocação e carisma da Igreja, que fundamentou sua existência em Deus Pai, Filho e Espírito.

O texto *Esforços da Igreja Institucional para resolver a crise de energia evangélica*, de Michael Singleton e Henri Maurier, concebem essa crise a partir de dois aspectos: um corresponde a fato de evidenciar os desacordos da instituição sobre a evangelização e o segundo sobre a problemática que está por trás da tentativa de harmonizar os pontos de vista que estão presentes na instituição. Ainda no texto temos a seguinte realidade:

Embora representando uma organização que se considera a si mesma como obrigada por Deus a respeitar tudo o que é natural, os chefes das Igrejas locais que formam a comunhão católica, reunidos em Roma em outubro de 1974 para discutir a crise da energia em matéria de evangelização, mostraram paradoxalmente que preferiram ignorar este princípio elementar de sadio procedimento. (SINGLETON; MAURIER, 1978, p. 124).

Esta hermenêutica delega ao papa a responsabilidade e a tarefa de criticar, explorar e expor algo sobre a evangelização. Ousamos dizer que as bases da ação da Igreja parecem estar sutis, frágeis. Além disso, o ato de ignorar o princípio elementar, que é a evangelização, mostra que a Igreja ainda não se deu conta da sua identidade. Como é possível recusar aquilo que somos? Essa tentativa

sinodal quer colocar sobre o pontífice uma responsabilidade que é para todos. É dessa forma que as deficiências obscurecem a ação da Igreja. Sempre se coloca ao outro uma ou outra responsabilidade. Se uma identidade fosse assumida por todos não seria tão difícil de trabalhar os elementos essenciais de uma crise. “Assim, o tema da evangelização não é somente atual pelo fato de ser muito tratado, mas é tratado porque é, em si, de grande atualidade” (COSTA, 2012, p. 293). Consideramos superficiais as divergências sinodais e contraditórias a responsabilidade dada ao pontífice em matéria de evangelização.

Nesse sentido, a voz do papa, com a exortação *Evangelii Nuntiandi*, tem um volume reconfortador e confirmador. Todos precisam refletir e repensar a tarefa missionária da Igreja. Concordamos com Singleton e Maurier (1978, p. 126-127) quando pede ao leitor para não fazer um julgamento da exortação no campo da missão. É justo ressaltar que o mundo já fez a sua opção, seja por ter uma religião ou não.

Apesar disso, o Papa Paulo VI tem toda razão ao refletir, com essa exortação, a necessidade de uma conversão interna. Assim, ainda citando o texto de Michael Singleton e Henri Maurier (1978, p. 127) destacamos que “os efeitos da desunião entre Igrejas ou no interior duma mesma Igreja parecem muito mais desastrosos vistos do cimo da pirâmide do que vistos da sua base popular”. Com essa visão agora podemos entrar no tema da nossa pesquisa.

Quando destacamos o termo identidade estamos comprometendo cada vez mais a Igreja com o seu fundamento, Jesus Cristo. A sua existência, o seu mistério é celebrado e se entende n’Ele. Essa referência primordial é a evangelização. “A Igreja se entende a partir da missão evangelizar. A missão da Igreja tem seu fundamento na missão de Jesus Cristo” (HACKMANN, 2011, p. 19). Se a Igreja não evangeliza ela não é Igreja e não faz aliança com Jesus Cristo.



O Papa nos leva a perceber que a *Evangelii Nuntiandi*, antes de ser mais um documento do magistério da Igreja, tratou de nos apresentar a evangelização como um processo integral e global, o qual deverá, desse já, na vida de cada católico, despertar o sentido de corresponsabilidade e consciência pessoal perante as necessidades do nosso tempo. (SILVA, 2009, p. 46).

As teorias sobre evangelização dizem que a Igreja tem essa missão de anunciar a Boa-Nova. Evangelizar é a identidade da comunidade Eclesial. Quando falamos de identidade estamos pensando no objeto, na coisa em si. A identidade é interna e não externa. A conceituação é uma ferramenta generosa para nossa busca. Assim, convém saber qual é, de fato, a identidade da Igreja na *Evangelii Nuntiandi*.

Jesus Cristo é o maior evangelizador. Essa constatação é narrada pelos evangelistas e tem uma conotação perfeita. Falamos assim, porque se preocupou com o Reino de Deus e não deixou que o julgamento humano o interrompesse. A pregação do Reino é anunciada por Jesus de modo infatigável. “As suas palavras desvendavam o segredo de Deus, o seu desígnio e a sua proclamação, e modificavam, por isso mesmo, o coração dos homens e o seu destino” (EN 11). É pela palavra que Jesus desvela o Reino de Deus.

Nesse cenário evangelizador Jesus, para o Evangelho de Lc 4, 18-19 faz opção pelos excluídos da sociedade judaica, os pobres. É sabido o lugar de destaque que os excluídos da sociedade palestinese possuem no projeto evangelizador de Jesus Cristo. Mas isso não quer dizer que a Palavra de Deus fora dirigida somente aos excluídos. Aqueles ricos que mudavam de vida e faziam uma opção por seguir a Jesus também eram chamados a fazer parte de sua comunidade evangelizadora. A proposta do evangelho é para todos.

Quando olhamos para a Igreja nos vemos também nesse panorama, chamados/as a ser evangelizadores/as. Nesse sentido destacamos o fundamento: “evangelizar constitui, de fato, a graça

e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14). Essa identidade é fundamental para que a Igreja mantenha-se firme no seguimento de Jesus. Ela é o termômetro, que revela a sua fidelidade. A Igreja [...] existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição (EN 14).

O olhar da Igreja para o mundo em nenhum momento deveria ser de condenação. O Concílio Vaticano II deixou bem claro que a Igreja é “sacramento de salvação” para o mundo, e como tal, sua servidora que, movida pela Palavra encarnada oferece ao mundo o Deus da Vida. A Igreja tem o papel de prolongar e continuar (cf. EN 15) a missão evangelizadora de Jesus. É interessante perceber que esses dois verbos prolongar e continuar dialogam com qualquer tempo em que a Igreja estiver atuando em qualquer cultura. Além desses verbos, aqui fazemos menção aos verbos proclamar, testemunhar e transformar. “Embora a Exortação não analise a relação entre as três dimensões apontadas (proclamar, testemunhar e transformar), ela limita-se a apresentá-las no todo da evangelização” (COSTA, 2012, p. 294).

O Papa Paulo VI diz que a “comunidade dos cristãos, realmente, nunca é algo fechada sobre si mesma” (EN 15). Para corresponder aos desafios da evangelização não é oportuno fechar-se, mas estar sempre em movimento. Esse movimento oportuno para a Igreja diz da sua missão. Quando aberta aos sinais dos tempos e à conversão ela desperta a curiosidade. Com isso, o testemunho fala mais alto, faz acontecer a evangelização. Nesse sentido, não é uma tarefa apenas do Pontífice, mas de toda a Igreja. Cada pessoa batizada tem a missão de evangelizar e essa atividade é muito importante para afirmar a identidade da Igreja.

Sendo assim, convém que cada membro esteja disposto a se deixar evangelizar. Primeiro em âmbito interno. Se a Igreja consegue

dar conta de si mesma, torna-se mais significativa a sua missão. Esse dado importante da *Evangelii Nuntiandi* n. 15 denuncia o descaso de membros não comprometidos com a missão. É mais fácil falar para outros do evangelho que viver o evangelho. O compromisso evangélico está ligado com a mudança interior. Para evangelizar é necessária uma conversão da consciência pessoal e coletiva. Depois disso, entramos na respectiva evidência do testemunho.

Buscamos no artigo de Javier Díaz Tejo, *Relectura del proceso evangelizador a luz de Evangelii Gaudium*, uma síntese da noção de evangelização na *Evangelii Nuntiandi*. Para o autor cinco fases são significativas: o testemunho (EN 21); o primeiro anúncio (EN 22); a catequese (EN 23); adesão comunitária (EN 23); apostolado (EN 24) (cf. TEJO, 2014, p. 155). Essa noção de Tejo é interessante para perceber as bases da evangelização. Para o autor, a *Evangelii Nuntiandi* apresenta a evangelização em etapas que são dinâmicas e acontecem por meio de uma repetição cíclica.

### 3.2 O que a Igreja entende por evangelizar, já que essa é sua identidade?

A exortação diz que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade [...]” (EN 18). Além disso, insistimos na conversão interior, por ser uma exigência importante para o testemunho e compromisso com o Reino de Deus. O papa discursa sobre algo fundamental nesse processo: “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (EN 22). É importante saber que a centralidade é o Filho de Deus. Ele nos mostrou o amor misterioso de Deus. Essa experiência é fundamental no processo de evangelização. Esse constitui o primeiro passo. Se quem escuta irá aderir à comunidade eclesial ou

não é consideração para um segundo momento. O mais importante é anunciar Jesus Cristo e seu projeto de vida.

Essa preocupação tem uma conotação por demais maravilhosa: implica dizer que quem é evangelizado, faz a experiência com o Cristo e, em sua liberdade, também passa a evangelizar. Essa é uma lógica que não se contradiz. Quem acolhe o anúncio e faz a experiência, dá testemunho, entrega-se pelo Reino. Muitas vezes pensamos que em matéria de evangelização o que é mais importante é falar, mas nesse ponto nos enganamos. A evangelização é um testemunho. Por isso, convém deixar claro que na evangelização o Filho de Deus quer salvar a todos a partir da misericórdia e graça de Deus mesmo. Pois, Deus faz uma aliança conosco. São elementos dessa aliança a concretização do amor, da fraternidade, do perdão e a ajuda mútua. É importante ressaltar esses elementos nas palavras do Papa:

A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos; depois, não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real (EN 63).

A evangelização não faz o seu processo distante da realidade em que a experiência de Deus é anunciada. A pessoa que evangeliza procura dialogar com a Igreja particular; ela se incultura, deixando-se ser evangelizada também. Essa atitude quer construir um rosto de Deus a partir do que cada cultura oferece, nada desprezando, pois Deus valoriza cada cultura do jeito que ela é. Só respeitando o *outro* como *outro* é que se evangeliza. Precisa-se valorizar a inculturação, respeitando os valores do *outro* quando apresentamos a fé cristã.

Outro ponto importante é que a Igreja particular deve estar vinculada à Igreja universal. Na *Evangelii Nuntiandi* só é possível acontecer uma verdadeira evangelização se a Igreja particular estiver em comunhão com a Igreja universal (cf. EN 64). É por isso, que

se insiste tanto na ideia de que toda Igreja particular é chamada a evangelizar, a oferecer ao povo uma – não a única – experiência de salvação. Isso exige da Igreja e de seus membros uma preparação séria, onde seja possível anunciar Jesus Cristo, e não os méritos e títulos que a pessoa evangelizadora apresenta.

Gostaríamos ainda de ressaltar a importância da ação do Espírito Santo no processo de evangelização. A pessoa que evangeliza nada pode fazer sem a ação discreta do Espírito. Na *Evangelii Nuntiandi* nº 75, temos uma teorização sobre a ação do Espírito. Sem essa força as motivações para a evangelização se tornam frágeis. O Espírito Santo é o agente principal da evangelização; “[...] de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã” (EN 75). Nesse sentido, o Espírito é o protagonista da missão. A pessoa que evangeliza é tão somente seu instrumento na obra evangelizadora.

Em matéria de evangelização, quais elementos podem ser destacados na *Evangelii Gaudium* que estão em proximidade com a *Evangelii Nuntiandi*?

### 3.3 A alegria de evangelizar

Em 24 de novembro de 2013 o Papa Francisco publicou a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* que, em seu título, ressalta a importância da alegria na ação evangelizadora. Esse documento apresenta elementos importantes para a evangelização no mundo atual. Para Losada (2014, p.11, tradução nossa) “o enfoque da Exortação consta basicamente de três componentes: a alegria, a boa notícia e o contexto do mundo atual”.<sup>29</sup> Achamos bem articuladas as aproximações que esse texto traz com relação à *Evangelii Nuntiandi*.

<sup>29</sup> “El enfoque de la Exhortación consta básicamente de tres componentes: la alegría, la Buena Noticia y el contexto del mundo actual”.

A primeira fala sobre a evangelização no mundo contemporâneo, e a segunda sobre a evangelização no mundo atual. “Mais importante, porém, do que definir exatamente o significado do termo ‘evangelização’ é captarmos seu alcance na opção evangelizadora da Igreja de hoje” (ALBERICH, 1983, p, 42). Perguntamos: existe algo de novo? Qual a teologia que o Papa Francisco apresenta acerca da evangelização no mundo atual?

É bastante conhecida de todos a alegre canção bíblica: “*fazer ressoar a Palavra de Deus em todo lugar!*” Essa proposição carrega em seus termos a universalidade da mensagem evangélica. A Palavra de Deus ecoa, mas como ela está sendo difundida? Começemos com esse refrão meditativo para apresentarmos na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* os fundamentos da evangelização no mundo atual. É um documento que responde aos anseios do Sínodo de 2012 sobre a nova evangelização. Seja por Paulo VI como por Francisco, que a mensagem do Reino seja difundida por evangelizadores alegres, animados e pacientes (cf. EG 10). O Papa Francisco no “seu texto não segue a articulação de Paulo VI, mas a supõe, aprofunda, amplia e atualiza” (GALLI, 2014, p. 63, tradução nossa).<sup>30</sup>

A pessoa evangelizadora não deve se dar por satisfeita em anunciar a mensagem evangélica nos moldes tradicionais, apresentando soluções prontas e acabadas, pois quem fez a experiência com Cristo, vive uma profunda novidade. “Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (EG 11). Palavras e atitudes, testemunhos criativos, com um renovado significado, nas palavras de Francisco, fazem parte de um itinerário renovador do evangelizador. Mais vale a evangelização criativa que a conservação das estruturas.

O Papa Francisco insiste, assim como o Papa Paulo VI, em uma evangelização que aconteça por meio do testemunho. Uma atitude

<sup>30</sup> “Su texto no sigue la articulación de Pablo VI pero la supone, profundiza, amplía y actualiza”.

que desperte o interesse e a adesão. Para esse modelo de Igreja a pessoa batizada precisa entender que o evangelho exige desinstalação. A parábola do vinho novo em odres velhos pode nos ajudar a entender melhor esse processo evangelizador. “A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas” (EG 46). Abertas para sair e chegar ao encontro do *outro*, também para acolher quem desejar participar da comunidade. Implica uma mudança radical por causa da evangelização. “O Papa reafirma a convicção de que a evangelização não é uma obra de uns poucos privilegiados, mas que é uma tarefa de todo o povo de Deus; ninguém está excluído” (LOSADA, 2014, p. 32, tradução nossa).<sup>31</sup> É necessário entender que “a Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG 47). Esta é a identidade da Igreja. Evangelizar a todos, fazendo com que a experiência com Deus aconteça. Estar lado a lado do povo e deixar-se contagiar por suas necessidades.

Na *Evangelii Gaudium* identificamos um método para evangelização que consideramos oportuno para o nosso trabalho. É composto de três estágios. O primeiro momento é definido como um *diálogo pessoal*, o segundo é a *apresentação da Palavra* e, o terceiro, quando oportuno, *uma breve oração* (cf. EG 128). Justifica-se a escolha desse modo de evangelizar por se aproximar mais de um evento comum a todos os públicos. Para que isso aconteça de forma criativa, com entusiasmo, é fundamental estar familiarizado com a Palavra de Deus. Neste sentido destacamos o fato de que “a Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar” (EG 174). Ainda faz parte desse itinerário *a escuta*. Saber escutar para poder entender os apelos do outro.

Para o Papa Francisco, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Essa implicação leva em consideração a atuação do Espírito para a liberdade. Olha-se para o ser humano com amor. Efetiva-se a caridade e a compaixão. Seguindo o Mestre que vai ao encontro do outro, afirmamos a nossa identidade. “Dois elementos fundamentais da sua identidade como Igreja são a intimidade e a comunhão”<sup>32</sup> (LOSADA, 2014, p. 26, tradução nossa). Requer da pessoa que evangeliza a capacidade de oferecer à outra, nas palavras do Papa Francisco, uma solidariedade, pela qual pensemos mais na vida comunitária e na promoção da vida (cf. EG 188). A pessoa evangelizadora é, na verdade, uma seguidora de Jesus. E, nesse sentido, confirma as palavras evangélicas “[...] sereis minhas testemunhas [...] até os confins da terra” (At 1,8).

Essa identidade está sempre em comunhão com o fundamento da nossa fé, Jesus Cristo. O tema da evangelização é muito atual. Mostramos a importância de repensar as nossas atitudes na ação evangelizadora a fim de que o ser humano possa fazer uma verdadeira experiência de Deus na acolhida do evangelho que anunciamos.

A *Evangelii Nuntiandi* apresentou melhores argumentos para se pensar sistematicamente a identidade da Igreja. Com as diferentes citações do documento, ressaltamos que a identidade da Igreja consiste na ação evangelizadora. O texto é atual e muito diz para a cultura missionária.

Foi nossa opção abordar a Exortação Apostólica do Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*, para confirmar que, também em nossos dias, existe uma preocupação fundamental com a evangelização. Essa característica da Igreja não está engessada, mas está sempre em aprimoramento. A pessoa evangelizadora, por causa do Reino de Deus, sempre procura se atualizar e, nesse sentido, formar-se para manter a Palavra de Deus em diálogo com a cultura em que for apresentada.

<sup>31</sup> “El Papa reafirma la convicciones de que la evangelización no es una obra de unos pocos privilegiados, sino que es una tarea de todo el Pueblo de Dios; ninguno está excluido”.

<sup>32</sup> “Dos elementos fundamentales de su identidad como Iglesia son la intimidad y la comunión”.

## Conclusão

O nosso trabalho discutiu a hipótese de que a evangelização é definidora da identidade da Igreja. A evangelização se faz urgente neste mundo secularizado, onde pouco se quer ouvir falar do reino de Deus e da vida eclesial. Pois, se a evangelização não acontecer, estaremos sendo uma instituição como qualquer outra que o mundo secularizado apresenta, mas não a Igreja que se fundamenta em Jesus Cristo e nos apóstolos. A Igreja é esperança e, sendo assim, é preciso reavivar a fé e evangelizar.

Com o primeiro capítulo foi percorrido uma análise em torno da missão. Proclamar o Evangelho é o campo de atuação central da comunidade eclesial. Essa reflexão tomou novas perspectivas com a celebração do Concílio Vaticano II. Esse evento 'sacudiu' a Igreja. Ajudou-lhe a perceber-se mais no mundo. A natureza da Igreja é para evangelizar, é o destaque da AG. Com o Sínodo de 1974, a Igreja passa a entender-se como sinal de salvação. A proclamação da Palavra converte em libertação. O amor e o testemunho revelam a condição da Igreja habitada pelo Espírito.

Foi feito no segundo capítulo uma retomada as bases acerca da missão. Entre os séculos XVI e XVII ela se referia à ação da Igreja. Essas atitudes não permitiram a consciência de primeiro se deixar evangelizar. Em outro momento, vimos que Paulo foi entendido como um importante homem que propagou o Ressuscitado. O mesmo Espírito que guiou Jesus é o mesmo que conduz as comunidades nascentes. Nessa fase do cristianismo, ser cristão era o mesmo que ser missionário.

Os diferentes entendimentos sobre a fé, a aliança entre estado e religião fez com que a evangelização tomasse novos horizontes. Foi importante, recapitular o Sermão de Frei Antônio por dizer muito seja neste contexto de Igreja, como também, no campo da evangelização.

Com o terceiro capítulo foi tratado dos elementos constituintes da identidade da Igreja. Quando assumida por todos não é tão difícil de perceber o seu campo de atuação. Sendo assim, voltamos para a dimensão interior da Igreja. Deixar-se ser evangelizado/a, e evangelizar constitui os pilares da missão. O compromisso evangélico está ligado com a mudança interior. Valoriza-se a inculturação, o outro. Uma evangelização em saídas.

A pesquisa sistematizou os conhecimentos prévios acerca da evangelização da Igreja. A princípio era entendido como algo que acontecia de dentro para fora. Com este trabalho, foi percebido que a evangelização também tem um movimento evangelizador interno. Isso trouxe novas implicações em matéria de evangelização. Ainda nos perguntamos se a Igreja não precisaria se desorganizar para se organizar em torno dos novos paradigmas do homem pós moderno e deixar-se ser conduzida por uma mística da interioridade.

Portanto, a identidade da Igreja é evangelizar. É preciso ser iniciado nessa cultura. Pelo batismo, nascemos para uma Comunidade Eclesial. A consciência filial se forma a partir de um encontro com Deus. Isso a Igreja tem que proporcionar. Nesse sentido, constitui a nossa formação os ensinamentos de Jesus Cristo. Essa é uma experiência que, uma vez feita muda o nosso jeito de ser e de atuar no mundo. Constitui a nossa existência, enquanto Igreja, a nossa abertura em seguir o mestre que diz: “[...] vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt 19, 21).

## Bibliografia

ALBERICH, Emílio. *A catequese na Igreja de hoje*. Trad. de Izabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 2002.

COSTA, César Augusto Soares da. O debate teológico sobre a evangelização e a libertação na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 286-321, jul./dez. 2012. Disponível: <file:///C:/Users/HP/Downloads/12307-45708-1-PB%20(4).pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

DIDAQUÉ. *A instrução dos doze apóstolos*. Disponível em: <http://www.universocatolico.com.br/index.php?/pdf/didaque.pdf>. Acesso em 16 de dez. de 2015.

CAVALHEIRA, M. P.; DUPONT, Gérard; QUEIROZ, A. C.; GORGULHO, G. S.; LIBÂNIO, L. B. *O sínodo de 1974: a evangelização no mundo de hoje; reflexões teológico-pastorais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1975.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

GALLI, Carlos María. Lectura teológica del texto de *Evangelii Gaudium* en el contexto del ministerio pastoral del Papa Francisco. *Medellín: teología y pastoral para América Latina*, Bogotá: ITEPAL, v. 40, n. 158, p. 47- 88, abr./jun. 2014.

HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1986. (Série I: experiência de Deus e justiça, Tomo 3).

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. Autocompreensão da Igreja católica romana em relação ao pluralismo social e religioso. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 16-32, jan./jun. 2011. Disponível: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8259/2/Auto-compreensao\_da\_Igreja\_Catolica\_Romana\_em\_relacao\_com\_o\_pluralismo\_social\_e\_religioso.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2015.

LOSADA, Leonidas Ortiz. La alegría del Evangelio: una Buena Noticia para América Latina y El Caribe – Visión global de la *Evangelii Gaudium*. Medellín: teología y pastoral para América Latina. Bogotá: ITEPAL, v. 40, n. 158, p. 7-45, abril/jun. 2014.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. As primeiras comunidades cristãs dentro da conjuntura da época – as etapas da história, do ano

30 ao ano 70. In: Cristianismos originários (30-70 d.C.). *Revista de interpretação bíblica latino-americana*, Petrópolis-Vozes/Sinodal-São Leopoldo, v. 03, n. 22, p. 34-44. 1995.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Eu estarei sempre convosco*. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2006. (Coleção livros básicos de Teologia, 13).

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et Spes*. In: \_\_\_\_\_. CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Lumen Gentium*. In: \_\_\_\_\_. CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Ad Gentes*. In: \_\_\_\_\_. CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Allocuzione di apertura del santo padre Paolo VI*. 27 de set. De 1974. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1974/documents/hf\_p-vi\_spe\_19740927\_allocuzione-iniziale.html>. Acesso em 19 de abril de 2016.

RICHARD, Pablo. As diversas origens do cristianismo. Uma visão de conjunto (30-70 d.C.). In: Cristianismos originários (30-70 d.C.). *Revista de interpretação bíblica latino-americana*, Petrópolis-Vozes/Sinodal-São Leopoldo, v. 03, n. 22, p. 07-21. 1995.

SERMÃO PROFÉTICO DO DOMINICANO ANTÔNIO MONTESINOS EM DEFESA DOS ÍNDIOS. Disponível em: <http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms\_documentos\_pdf\_30.pdf>. Acesso em 07 de fev. de 2016.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. Tradução de Jaime A. Clasen. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996. (Série II: O Deus que liberta seu povo).

SILVA, R. N. *Dimensão escatológica da evangelização: um estudo teológico-pastoral da escatologia da exortação apostólica Evangelii Nuntiandi do papa Paulo VI*. [Dissertação de Mestrado em Teologia]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/>

mostrateses.php?open=1&arqtese=0710448\_09\_Indice.html >. Acesso em: 20 mar. 2015.

SINGLETON, Michael; MAURIER, Henri. Esforços da igreja institucional para resolver a crise de energia evangélica – O 4º Sínodo Romano e a *Evangelii Nuntiandi. Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 134, n. 4, p. 124-130, 1978.

TEJO, Javier Díaz. Relectura del processo evangelizador a la luz de *Evangelii Gaudium. Medellín: teologia y pastoral para América Latina*, Bogotá: ITEPAL, v. 40, n. 158, p. 151-171, abr./jun. 2014.

Recebido em: 03/04/2017

Aprovado em: 02/06/2017

## Karl Barth: uma breve introdução a seu pensamento no horizonte da ética teológica

Karl Barth:  
a brief introduction to his thinking  
on the horizon of theological ethics

*Jefferson Zeferino\**

**Resumo:** Este artigo busca uma introdução do pensamento de Karl Barth no horizonte da ética teológica. Desta forma, por meio da apresentação da relação de Barth com a teologia de seu tempo pretende-se aqui mostrar a possibilidade de identificar em Barth uma interlocução pertinente na atualidade, especialmente em virtude de sua compreensão da ética como *télos* do fazer teológico.

**Palavras-chave:** Karl Barth; Teologia Liberal; Teologia Dialética; Dogmática Eclesial; Ética teológica.

\* Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia de São Bento do Sul/SC, FLT. Mestre e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR. Membro do grupo de pesquisa *Teopatodiceia: Espiritualidade, Cultura, Práxis*. Membro-fundador do Núcleo Ecumênico e Inter-religioso da PUCPR. Membro do Movimento Ecumênico de Curitiba, MOVEC. Membro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB. Bolsista CAPES. Contato: jefferson.zeferino@hotmail.com.